

la frase para estudiar sus elementos, mientras que el funcionalismo emplea el método inductivo que parte de las unidades mínimas a las máximas que componen la oración (p. 25). Por esa razón, Masip adopta el esquema de Martinet que ve en la doble articulación el principio norteador del lenguaje, y divide su libro en dos partes: la primera parte morfológica (paradigmática – subdividida en unidades mínimas, el morfema – p. 25 - 138 -, y la unidad máxima, la palabra – p. 139 - 169); y la segunda parte sintáctica (sintagmática – unida mínima, el sintagma - p. 117 - 184, y la unidad máxima, la oración – p. 185 - 204).

En el capítulo inicial, Masip traza una breve historia de la evolución de los estudios morfosintácticos, iniciados con la gramática tradicional y pasa por las corrientes más significativas del siglo XX – estructuralismo y generativismo. En las páginas siguientes, se detiene en los conceptos importantes para su abordaje, como, por ejemplo, la dicotomía de forma y función que caracteriza las corrientes del estructuralismo formalista de Bloomfield, Trager, Fries y Chomsky, y el funcionalismo de Saussure, Bally, Trubetzkoy, Jakobson y Martinet (p. 17).

A lo largo del libro se resumen conceptos en más de veinte cuadros, con variados ejemplos sobre temas como: heterogénicos (p. 43), sustantivos femeninos precedidos por “e/” (p. 30), colectivos (p. 144 – 146), palabras uninuméricas (p. 49 – 50), prefijos – infijos - sufijos (p. 114 - 117), colectivos (p. 144 – 146), etc... Sobre cada asunto se destacan algunas dificultades que se repiten al final (p. 208 - 212). Hay un glosario con índice de las materias (p. 213 – 232), seguido de bibliografía (p. 233 – 235), además del prefacio de Francisco Gomes de Matos (p. 7 - 9). La aplicación práctica del contenido expuesto se da por medio de un libreto, que acompaña a

la obra, con ejercicios sobre los temas abordados.

Creemos que la idea de hacer un libro útil a profesores de español hizo que confrontase las opiniones de libros utilizados en la escuela, seguidas de ejemplos sencillos, colectados en clase. Por esa razón, no se extraen los ejemplos estrictamente de las obras consultadas. Uno de los casos que me hace pensar de esa manera es la construcción en discurso directo e indirecto – p. 197 - 199 – ésa es una gran contribución de ese trabajo, porque trata del plan discursivo.

El hecho de que el autor se proponga hacer un estudio funcionalista a partir de obras que siguen la tendencia de la gramática tradicional no se muestra como imposibilidad de apoyo ya que ciertos gramáticos españoles suelen seguir una tendencia funcionalista y la posición de gramáticos del portugués se presenta en razón a esa tendencia.

Una selección de renombrados gramáticos forman el *corpus* de investigación de esa obra cuya preocupación reside en el paralelo de cuestiones teóricas y prácticas. La idea de traer la sistematización de aspectos morfosintácticos por medio de cuadros resumidos de las dos lenguas facilita la visualización y conclusión respecto a características lingüísticas.

Luizete Guimarães Barros

UFSC

Um roteiro para ler a teoria no século 20, Culler, Jonathan. *Teoria literária:*

uma introdução, tradução
de Sandra Vasconcelos. São
Paulo: Beca, 1999, 140 p.

Um pequeno e estimulante livro de teoria literária de Jonathan Culler que circula em inglês na série *Very short introduction*, essa espécie de “primeiros passos” da Universidade de Oxford, foi bem traduzido e anotado para o leitor brasileiro por Sandra Vasconcelos e publicado pela Beca Produções Culturais, uma jovem e prolífera editora de São Paulo. O título em português ficou *Teoria literária: uma introdução*, numa edição simples e honesta que presta a rigor o serviço que Culler se propôs nesse sintético ensaio: um passeio básico e panorâmico em torno das principais questões de crítica e teoria literária que povoaram o século 20.

Em oito capítulos organizados em tópicos, o autor traça um roteiro inteligente e didático acerca dos rumos centrais do debate sobre a teoria, sem se guiar estreitamente pelos limites das escolas críticas. “Tratar a teoria contemporânea como um conjunto de abordagens ou métodos de interpretação que competem entre si deixa escapar muito de seu interesse e de sua força”, justifica ele no prefácio de seu trabalho. Às escolas críticas destina, de fato, um apêndice, com um rápido resumo acerca das origens e percursos de movimentos teóricos como o formalismo russo, a fenomenologia, o estruturalismo, a psicanálise etc. E encerra o pequeno volume (140 páginas) com um glossário de leituras complementares aos temas levantados.

Nos oito tópicos principais, Culler faz uma apresentação acerca do que é teoria, discute a definição e a importância da literatura, para então iniciar uma explanação concisa de asserções e

questões dominantes na cena teórica contemporânea. Aborda, então, o surgimento e os efeitos dos estudos culturais; as noções de linguagem, interpretação e sentido; o movimento de aproximação e distanciamento entre retórica e poética; os estudos da narrativa; o conceito de linguagem performativa e, finalmente, o debate acerca da identidade e do sujeito.

A noção de teoria que ele nos propõe é ampla e extrapola a idéia de um conjunto de noções sobre a natureza da literatura ou os métodos para estudá-la. Ele a concebe como um corpo de pensamentos e escritas cujos limites são dificilmente definíveis e cujo efeito central é a discussão do “senso comum”, ou seja, a discussão acerca do que é significado, escrita, literatura, experiência. Uma noção que pressupõe um projeto crítico interdisciplinar, especulativo e reflexivo, que procura “pensar sobre o pensar”.

Diante da amplitude do tema, este pequeno livro, é claro, é um trabalho de iniciação, perfeitamente rápido e geral e por isso capaz de orientar um leitor que esteja buscando aquelas referências básicas para sustentar um percurso mais sistemático de pesquisa e compreensão do debate no campo da crítica e da teoria da literatura. Culler não trai, porém, em nenhum momento, a complexidade e pertinência do que se propõe a apresentar, e este é um dos méritos do livro: sua capacidade de usar uma linguagem simples, divertida e não acadêmica para um tema e uma abordagem estes sim, sofisticados.

Quando aborda os estudos culturais, por exemplo, Culler procura dar conta do tema desde as suas raízes até as peculiaridades de seus frutos. Assim, esboça em linhas ligeiras as origens dessa que é uma tendência dominante nas ciências humanas na última década, remetendo ao Roland Barthes das

Mitologias (1957) e ao Raymond Williams de *Cultura e sociedade* (1958). Passa, depois, a explicar uma das problemáticas centrais dos estudos culturais – a das identidades culturais instáveis diante de um cultura que é, ela própria, um construção ideológica -, e analisa a relação entre os estudos literários e os culturais, agrupando argumentos em torno de dois tópicos: o cânone literário e os métodos apropriados para analisar os objetos da cultura.

No que se refere ao primeiro tópico, a expansão dos estudos culturais acompanha a expansão do cânone, observa Culler, levantando a questão acerca da motivação para a seleção de obras para estudo, se ocasionada por sua excelência literária ou por sua representatividade cultural. As respostas possíveis são múltiplas, argumenta. Primeiramente, a excelência literária nunca determinou as obras a serem estudadas. Os critérios de escolha sempre foram historicamente comprometidos com critérios não literários. Além disso, a própria questão da excelência tem sido alvo de debate.

Sobre os métodos de análise, já ao final de sua argumentação ele defende que a leitura cerrada (ou *close reading*, no original inglês) de escritos não necessariamente literários não implicam em sua valoração estética, assim como o fato de imputar questões culturais a obras literárias não significa que soem apenas como documentos de época. Uma tomada de posição, pois, que deixa livre o trabalho tanto a gregos como a troianos, sem se deter nas divergências e polêmicas que têm marcado as vertentes dessa nova disciplina.

Culler, professor de literatura comparada da Universidade de Cornell, é, como se sabe, crítico literário de destaque e um dos mais eminentes representantes da teoria desconstrutivista,

a qual apresenta de modo breve, porém convincente, nesse pequeno livro introdutório, distinguindo, logo no início, as variantes teóricas entre Derrida e Foucault, tantas vezes colocados lado a lado como pós-estruturalistas. “Derrida”, diz ele, “mostra quão teóricas são as obras literárias; Foucault, quão criativamente produtivos são os discursos do conhecimento”.

Literary Theory foi publicado pela primeira vez, em inglês, em 1997, e vertido ao português dois anos depois, ou seja, nos chega com relativa rapidez. A edição brasileira acrescentou à original notas e comentários de rodapé para as referências literárias e críticas feitas por Culler. As notas são mais básicas ainda que a proposta do autor. De Culler, o leitor brasileiro conhece também seu já clássico *Sobre a desconstrução*, lançado pela Rosa dos Ventos, selo da editora Record, em 1997, com tradução de Patrícia Burrowes.

Daisi Vogel

UFSC

Juan Rulfo, Los caminos de la fama pública. Juan Rulfo ante la crítica literario-periodística de México. Una Antología. Selección, nota y estudio introductorio de Leonardo Martínez Carrizales. Fondo de Cultura Económica. México, 1998. pp. 163.

JUAN RULFO, COLOSSO COM PÉS DE BARRO?